

Volks ainda espera “via crucis”

Da sucursal do
ABC

O presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, que prevê para o próximo ano uma expansão entre 5 a 10% nas vendas internas da empresa, comenta que, embora feche este ano novamente em vermelho, a Volkswagen já se adaptou à realidade atual e, dentro de oito ou nove meses, chegará à estabilidade. “Apesar de lamentar a repetição do prejuízo, a empresa encara isso com naturalidade, porque quem já ganhou tem de saber perder, mantendo a certeza de que poderá recuperar o prejuízo”. Destaca Sauer, para quem há seguras perspectivas de que a economia brasileira começará a se reaquecer no próximo ano, em especial a partir do terceiro trimestre.

Após 27 anos de lucros no Brasil, a Volkswagen registrou seu primeiro prejuízo, num montante de Cr\$ 1,6 bilhão no ano passado, e embora não tenha ainda números definitivos referentes ao atual exercício, tem certeza de que as perdas serão bem maiores do que as verificadas em 80. Mas Sauer garante que a empresa mantém inalterado seu programa de investimentos, apesar de reconhecer que há, ainda, “toda uma ‘via crucis’ a ser percorrida, antes da normalização total”.

Para ele, todos os indícios levam a crer numa lenta, mas segura reação das vendas, o que justifica a manutenção de contingente ocioso na empresa como reserva estratégica para a retomada do crescimento. “É um fato que a situação atual, embora muito problemática, tem também muitas causas de ordem psicológica, que tendem a ser eliminadas. Notam-se claros sinais de recuperação de correntes da queda da inflação e do ligeiro desafogo no balanço de pagamentos, inegáveis êxitos da política econômica do governo” — comenta o presidente da Volkswagen.

Embora a empresa pretenda atingir seu “ponto de ajuste” já em agosto ou setembro de 82, só mesmo para daqui a quatro ou cinco anos é que se espera a retomada dos níveis de vendas de 1979, que foi o melhor ano para o setor automobilístico.

SUPÉRFLUO

Por outro lado, Wolfgang Sauer não acredita que o automóvel seja incluído na lista dos supérfluos e, a partir disso, sofra nova sobretaxação a ser repassada para a Previdência Social. “A indústria automobilística, que já paga perto de 50% de impostos sobre o valor de cada veículo que produz, terá aumentadas suas dificuldades, caso o governo sobretaxe o automóvel, o que, pelas consequências nefastas que trará, não acreditamos venha a se efetivar”, enfatiza.

Em sua opinião, o automóvel no Brasil, onde predomina o transporte rodoviário, não é um bem supérfluo e

muito menos perdulário. “É, antes de tudo um instrumento insubstituível de trabalho e de complemento ao transporte coletivo, cuja expansão jamais poderá alcançar o crescimento da população urbana”, explica.

Sauer também comenta a utilização de robôs pelo setor automobilístico brasileiro dentro dos próximos cinco anos, que em seu entender, “será absolutamente inevitável, para que a indústria melhore a sua produtividade de forma a se manter competitiva no mercado; porém, isso não alterará o uso intensivo de mão-de-obra, ao menos no setor”. Segundo o presidente da Volkswagen, o robô é apenas mais um tipo de máquina e, em última análise, resulta na abertura de novos empregos, reservando aos trabalhadores, sem lhes tirar o lugar, tarefas menos pesadas, insalubres e cansativas.

SUBSÍDIOS

Lembrando, ainda, que as perdas do mercado interno prejudicam a competitividade no Exterior, Wolfgang Sauer argumenta que, por enquanto, os incentivos do governo para as exportações ainda são fundamentais, principalmente no sentido de se conseguir condições de impedir a escalada japonesa em mercados tradicionalmente brasileiros. Dessa forma, o presidente da Volks acredita que só dentro de sete ou oito anos, com o aumento do volume de vendas externas, é que o setor poderá abrir mão dos estímulos oficiais.

“Diante da situação atual as empresas exportadoras estão tentando racionalizar o mais possível seus custos internos, para continuar com a necessária flexibilidade para ganhar negócios e mercados externos, o que exige presença constante e pesados investimentos, de retorno possível somente mediante o regime de escala. Além disso, há imperiosa necessidade de se manter os clientes já conquistados e, para tanto, os incentivos são fundamentais” — conclui o presidente da Volkswagen.



Arquivo

Sauer lamenta prejuízos